

RESENHA: DOCUMENTOS I - OS PRIMEIROS PASSOS DE UM ATLAS LINGÜÍSTICO NACIONAL

Julio César Portela CORRÊA
Universidade Estadual de Londrina
correa.jc@ig.com.br

Aparecida Negri ISQUERDO
Universidade Estadual de Londrina
anegri.isquerdo@terra.com.br

Um trabalho tão gigantesco quanto o próprio território nacional – assim podemos definir o Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), iniciado efetivamente em 1996, em Salvador-BA, por ocasião do Seminário “Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística do Brasil”. Apesar de só ter sido iniciado nessa data, a idéia e o desejo de elaborar um Atlas Lingüístico de âmbito nacional, que refletisse a realidade da língua portuguesa em todos os seus contrastes, vêm de longa data: desde meados do século XX, filólogos e lingüistas brasileiros, assim como o próprio Governo da época, ansiavam por uma pesquisa dessa grandeza, basta lembrarmos do Decreto 30.643 de 20 de março de 1952 e a portaria 536, de 26 de maio do mesmo ano.

Esta obra coletiva, intitulada de *Documentos I – Projeto Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB*, tem justamente a importância de ser *documental* – fruto da política de disseminação do andamento dos trabalhos do Projeto ALiB, definida pelo Comitê Nacional de coordenação do projeto, a obra inicia uma série de *Documentos* que, além de servir de apoio a pesquisadores que atuam nas diferentes áreas dos estudos da linguagem, pretende que “cada um dos seus volumes seja um retrato das diversas etapas da execução do ALiB” (p. 11). Nela encontramos um balanço sintético do Projeto ALiB, após seis anos de seu início, além de serem apresentadas questões metodológicas que orientam a pesquisa, avaliações do trabalho já realizado e reflexões do trabalho ainda a ser efetivado. Trata-se de uma coletânea de dezesseis artigos de diversos autores (integrantes do projeto ALiB) que refletem parte das conquistas e partilham diversas discussões acerca da pesquisa, resultado de trabalhos realizados durante o III Workshop do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil, ocorrido na cidade de Londrina, no ano de 2002.

Além dos dezesseis artigos, o livro conta ainda com: i) um texto inicial em homenagem póstuma à professora e pesquisadora Harumi Pisciotto – integrante ativa do projeto – falecida pouco tempo antes do referido Workshop; ii) uma Nota Prévia em que a Diretora-Presidente do Projeto ALiB, Suzana Cardoso, apresenta e destaca a importância da obra – por ela própria intitulada de “instrumento de trabalho” para todos os envolvidos em estudos geolingüísticos no Brasil; iii) um texto de Apresentação, assinado pela Diretora Científica, Vanderci Aguilera, em que faz um breve histórico do Projeto ALiB, destacando os diversos encontros, reuniões, workshops e produções científicas resultantes de seus primeiros anos, além de tecer comentários acerca de cada um dos artigos publicados, destacando a diversidade dos autores e universidades engajadas na pesquisa e; iv) a Ata da XI Reunião do Comitê Nacional do ALiB, que contém uma síntese das propostas e deliberações tomadas durante o III Workshop.

No primeiro artigo “O projeto ALiB: caminhos andados e a percorrer”, Suzana Cardoso, professora da UFBA, aborda resumidamente a história do Projeto ALiB, relatando as etapas vencidas e tecendo comentários acerca dos desafios futuros, ou seja, das etapas ainda a vencer.

Na seqüência, situam-se diversos artigos que se prezam especialmente à avaliação dos próprios procedimentos metodológicos utilizados no Projeto ALiB. Com este objetivo, temos os dois artigos, de autoria da professora da UFBA, Jacyra Andrade Mota: a) “Constituição do *corpus* do projeto ALiB: procedimentos metodológicos” e; b) “Avaliação de procedimentos metodológicos: questões de prosódia e de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalingüísticas e leitura de texto”. O primeiro texto trata especificamente dos procedimentos prévios a respeito das fichas do informante e da localidade, além das técnicas de catalogação e de arquivamento de dados. Por se tratar de uma pesquisa de tamanha proporção e importância, todo cuidado é pouco, no que se refere ao armazenamento das informações. É imprescindível também um adequado armazenamento e uma sistemática organização do que se tornará o item mais importante da pesquisa: o *corpus*. Em seguida, a mesma autora discute, no seu segundo texto, uma série de procedimentos metodológicos relacionados ao questionário base do Projeto ALiB. Jacyra Mota tece comentários e avalia a utilização do questionário lingüístico, no que tange às questões de pragmática, de prosódia, além dos temas para discursos semidirigidos, perguntas metalingüísticas e leitura de texto. Essas informações, segundo a autora, pretendem “trazer para análise uma maior soma de dados, contemplando aspectos pouco estudados da realidade brasileira, como a variação prosódica, a pragmática, a diafásica e a diarreferencial” (p. 39).

Dando continuidade à avaliação dos questionários do Projeto, Maria do Socorro Silva Aragão, professora da UFC, destaca a importância da fase de elaboração dos questionários de uma pesquisa. Com exemplos bastante ilustrativos, a autora analisa em seu texto o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB, que tem como principal objetivo, conforme sua própria denominação sugere, observar alguns fenômenos de natureza sonora da língua, observando novos fatos e confirmando ou refutando fatos já observados anteriormente.

Um mesmo questionário, o Morfossintático (QMS), é objeto de reflexão de dois pesquisadores: Walter Koch (UFRGS) e Vandarsi Sant’Anna Castro (UNICAMP). O primeiro autor começa destacando a aparente abdicação desse tipo de questionário em vários trabalhos geolingüísticos (incluem-se o atlas da França e cinco atlas regionais brasileiros), os quais se limitam aos aspectos fonético-fonológico e semântico-lexical. Durante sua exposição, o autor ainda tece comentários sobre a readequação da redação de diversas questões, em razão da dificuldade em se obter, do entrevistado, a resposta esperada. Essa mesma dificuldade também é destacada pela professora Vandarsi Castro. Em seu texto a autora faz um análise detalhada de diversas questões do questionário, ilustrando por meio de exemplos, a árdua tarefa em que se torna a aplicação deste módulo, considerado por ambos os autores o mais difícil.

O objeto de estudo do trabalho da professora Rosa Evangelina Rodrigues (FACCAR) é o questionário Semântico-Lexical (QSL). Dividido em quatorze campos semânticos, este módulo foi objeto de diversas reformulações desde a primeira versão em 1998. São justamente essas várias alterações o principal enfoque do artigo em questão. O texto possui quadros variados que ilustram de maneira bastante clara todas as modificações realizadas até que se chegasse a um resultado considerado suficiente, ou seja, atingisse o objetivo de “facilitar a comunicação entre informante e entrevistador e tornar a conversa o mais próxima possível da conversa informal” (p. 94), assim como afirma a autora.

Aparecida Isquerdo, professora da UFMS, aborda em seu texto, de maneira bastante agradável, o papel do principal responsável pela realização das entrevistas: o entrevistador. A partir de dois enfoques principais: a) questões teórico-metodológicas e b) a questão das relações humanas; a autora destaca a importância do domínio, por parte do inquiridor, não só da teoria lingüística envolvida na pesquisa, mas também da familiarização com o instrumento de coleta e, por fim, mas não menos importante, as suas habilidades de relações humanas e facilidade de comunicação interpessoal. “(...) cada entrevista realizada é uma experiência única que ultrapassa muito a simples efetivação do inquérito lingüístico” (p. 46), assim afirma a autora que, ao fim de seu texto, ilustra com um belo exemplo, esse aspecto menos objetivo e mais humano da pesquisa.

Em seguida, dizendo-se ainda a respeito do inquiridor, Fabiane Altino (UEL) contribui e complementa o trabalho da professora Aparecida com seu texto. Seu enfoque, de certa forma mais técnico, traz orientações e recomendações procedimentais para o antes (a preparação), o durante (a realização) e o depois (a avaliação e armazenamento) de cada inquérito. Seu trabalho traz ainda, como anexo, uma espécie de “guia para a pesquisa de campo”, em que

são abordadas questões desde a preparação para a viagem, até exemplos (como se fossem pequenos “conselhos”) de atitudes esperadas do inquiridor para a realização de uma boa entrevista.

Os dois textos que seguem abordam o trabalho de natureza técnica, realizado a partir do *corpus* já coletado. São eles “Técnicas de transcrição fonética” e “Técnicas de transcrição grafemática para o ALiB: reflexões”, o primeiro abordado pela professora Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC) e o segundo por Irenilde Pereira dos Santos (USP). No primeiro trabalho, a autora faz um apanhado de alguns aspectos destacados a partir do questionário fonético-fonológico do ALiB para, em seguida, tecer comentários acerca da transcrição fonética em si, a ferramenta mais fiel para a descrição e o registro da língua falada, segundo a autora. E, por fim, destaca as decisões do Comitê do ALiB em relação ao tratamento fonético dado ao *corpus* da pesquisa. No texto seguinte, Irenilde Santos, por meio de diversos exemplos de transcrições grafemáticas, traz algumas reflexões acerca dos objetivos deste tipo de transcrição. Também são apresentados diversos quadros que demonstram algumas normas e convenções para a transcrição, bem como sintetizam os critérios utilizados pelas equipes do ALiB de alguns estados brasileiros.

Em seu trabalho “A dimensão sociolingüística do projeto ALiB”, Mário Zágari, professor da UFJF, discute o Projeto ALiB no que tange à variação lingüística. A partir da teoria da “difusão lexical”, o autor afirma que uma mudança lingüística se estabelece aos poucos, gradualmente, ao longo do léxico. Desse modo, a variação lingüística tem uma grande possibilidade de, com o tempo, culminar em mudança, sendo possível notar também influência das variáveis lingüísticas e variáveis independentes (sociais) neste processo. Zágari observa ainda que o ALiB, por possuir um número maior de informantes nas capitais, também permitirá a observação de mudanças em curso. Todos estes processos são detalhadamente explicados por meio de exemplos.

O primeiro Atlas Lingüístico Sonoro do Brasil é objeto de estudo do trabalho de Abdelhak Rasky, professor da UFPA. Nele é possível compreender como a utilização de novas tecnologias pode beneficiar enormemente as pesquisas de caráter lingüístico. O ALISPA, Atlas Lingüístico Sonoro do Pará, possui características próprias, tanto no que diz respeito à metodologia de pesquisa aplicada, quanto no tratamento e apresentação cartográfica dos dados. Todas essas especificidades da pesquisa – da coleta de dados à interface do programa computacional, incluindo-se seus objetivos sociolingüísticos – são abordadas passo a passo no texto, com uma linguagem bastante clara e objetiva.

Por fim, temos três relatórios de atividades desenvolvidas pelas equipes do ALiB nos estados da Bahia, de Mato Grosso do Sul e do Paraná (Equipe UEL). Os textos, de autoria de Jacyra Mota (UFBA), Auri Frubel (UFMS) e Vanderci Aguilera (UEL), respectivamente, trazem não somente o andamento dos inquéritos realizados até aquele momento, mas também e principalmente, todos os esforços concentrados na obtenção de recursos para o projeto, trabalhos em laboratório com o material já coletado, trabalhos científicos realizados e cursos e seminários ministrados na área da Geolingüística. Destaca-se, também, o caráter bastante detalhado do relatório de autoria da professora Vanderci, que ultrapassa o caráter meramente informativo e torna-se formativo, como um bom exemplo a ser aproveitado.

Como pôde ser observado, trata-se de um projeto amplo e ambicioso. Cada detalhe, de cada fase da pesquisa foi pensado e repensado inúmeras vezes até que se chegasse ao estado atual. O caminho que está sendo literalmente percorrido tem, como demonstra esta obra, uma base muito sólida: equipes de fato comprometidas com o projeto e lideranças firmes, obstinadas a levar o trabalho até sua conclusão. O livro **Documentos I**, com textos cuidadosamente elaborados, ricos em detalhes, linguagem clara e nitidamente com preocupação didática, torna-se leitura altamente recomendada aos estudiosos da linguagem, servindo de exemplo de como se pode iniciar positivamente uma pesquisa lingüística.

Obra base:

AGUILERA, V. de A.; MILANI, G. A. L.; MOTA, J. A. (orgs.) **Documentos I – Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB**. Salvador: EDUFBA, 2004. 188 p.